

“LIBERTEMO-NOS DOS REACIONÁRIOS, POIS A ESTRADA DA LIBERDADE ESTÁ AO NOSSO ALCANCE”: Brasil Gerson e a América Latina no Jornal *Tribuna Popular* (1945-1946)

“LIBERTEMO-NOS DOS REACIONÁRIOS, POIS A ESTRADA DA LIBERDADE ESTÁ AO NOSSO ALCANCE”: Brasil Gerson y la América Latina en el Periódico *Tribuna Popular* (1945-1946)

Adriano Soares SAMPAIO¹

Resumo: O atual artigo pesquisa as discussões sobre os conflitos, tensões e histórias da América Latina a partir de uma coluna autoral presente no diário comunista *Tribuna Popular*. Interessa pensar as formas que certos tópicos e temas são divulgados na seção diária *Através das Américas*, no contexto do processo de democratização da sociedade brasileira e do estado de expectativa concreta do pós-guerra. Para que fosse possível desenvolver com qualidade as discussões feitas na coluna, foi preciso investigar a trajetória do escritor e intelectual Brasil Gerson, idealizador da coluna *Através das Américas*, para ser possível situar o encontro do produtor com a sua produção cultural no principal jornal do Partido Comunista em circulação no Brasil durante os anos da legalidade partidária. Para fundamentar a presente investigação, utilizou-se o conceito de “intelectual mediador” como categoria de análise histórica, referenciando-nos em Ângela de Castro Gomes.

Palavras-chave: América Latina, Intelectual, Imprensa, Partido Comunista.

Resumen: El artículo actual pesquisa las discusiones acerca del conflictos, tensiones y historias de América Latina de una columna autoral presente en el diario comunista *Tribuna Popular*. Interesa reflexionar las formas que ciertos temas y asuntos son difundidas en la sección diaria *Através das Américas*, en el contexto del proceso de la democratización de la sociedad brasileña y del estado de expectativa concreta en la posguerra. Para que sea posible desarrollar con calidad las discusiones hechas en la columna, fue necesario investigar la trayectoria del escritor y intelectual Brasil Gerson, idealizador de la columna *Através das Américas*, para poder situar el encuentro del productor con su producción cultural en el principal periódico del Partido Comunista en circulación en Brasil durante los años de legalidad partidaria. Para sostener esta investigación, se utilizó como categoría de análisis histórico el concepto de “mediador intelectual”, en referencia a la Angela de Castro Gomes.

Palabras clave: América Latina, Intelectual, Prensa, Partido Comunista

Do papel a pólvora: o levante literário da revolução

O Partido Comunista Brasileiro¹ e as suas iniciativas editoriais e comunicacionais emergem em uma sociedade específica e são produtos de uma intelectualidade marginal

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista FUNCAP. E-mail: adrianjohist@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5969-1025>.

da primeira república. A partir da movimentação e reunião dessa intelectualidade advinda do movimento operário e anarquista, com a sua experiência fortemente influenciada pela vitória da revolução proletária em 1917 na Rússia, eclodem os primeiros grupos comunistas dispersos pelo território brasileiro e organizar-se para assumir a responsabilidade de entrar para “a grande família unida, combatente e triunfante do proletariado mundial” (Voz Operária, Rio de Janeiro, nº 148, 22/03/1952, p. 5) e arquitetaram durante os dias 25, 26 e 27 de março de 1922 o congresso de adesão à Internacional Comunista.

Durante os três dias de congresso, seis reuniões foram feitas para fundar a Seção Brasileira da Internacional Comunista. Os nove participantes, delegados representando algumas organizações comunistas de várias regiões brasileiras, se hospedaram em Niterói e se reuniram duas vezes no sindicato dos alfaiates e metalúrgicos, e duas no sobrado das tias de Astrojildo Pereira para fundar o Partido Comunista Brasileiro. A sessão de encerramento aconteceu na casa das tias de Astrojildo. A pedido do anfitrião, o hino da Internacional foi cantado em baixo tom e com os punhos cerrados pelos nove delegados no sobrado em Niterói, para não correr o risco de espantar suas tias com a cantoria (Cordeiro, 1981, p. 83-84).

De sua fundação até a virada da década, o PCB cresceu de 73 membros para cerca de mil (Chilcote, 1982, p. 182). Levando em conta as situações que as seções do partido atuavam, com debilidades orgânicas e sob a clandestinidade, é inusitado, de certa forma, que apesar do seu reduzido número de militantes e simpatizantes, o partido consegue manter expressiva capacidade de organização e influência na sociedade por meio do seu pequeno contingente espalhado pelo território brasileiro.

A primeira década de vida do Partido Comunista consistiu na irregularidade do trabalho jornalístico e editorial das publicações, em parte diante da perseguição governamental e por conta dos altos custos exigidos da manutenção de prédios e propriedades gráficas clandestinas, tornando, muitas vezes, a existência de suas publicações efêmera, porém, essas dificuldades eram possíveis de serem suplantadas. O primeiro semanário *A Classe Operária* teve sua circulação de forma desigual e interrompida em diversos momentos diante dos apertos da repressão política e da falta de dinheiro, estrutura e papel para rodar a folha².

Desde a sua fundação, o partido acompanhou o expressivo protagonismo dos tenentes na década de 20 na luta contra as oligarquias brasileiras e a sua inserção no palco da luta de classes. Os levantes militares, em parte, foram uma forma de expressão do descontentamento presente nos círculos militares antes da eleição de Artur Bernardes. A

questão principal para os tenentes era fundamentada na contestação e descontentamento com a política dominante da república oligárquica e autocrática, no qual a força da máquina pública estava sendo dominada por uma coalizão de oligarquias estaduais de São Paulo e Minas Gerais, que dependiam, segundo Chilcote, de um *modus vivendi* no qual estes dois estados se alternavam na presidência da nação” (Chilcote, 1982, p. 182).

Essas primeiras tentativas de rebeliões culminaram com o surgimento de um movimento chamado tenentismo, cujas revoltas e marchas, como a Coluna Miguel-Prestes, acabaram por identificá-las com o almejo da necessidade de transformações políticas e sociais da sociedade brasileira. Os primeiros anos de existência do partido é marcada por um momento de maior autonomia na construção da sua linha política original, construindo a estratégia de aliança do proletariado com a pequena-burguesia representada pelos tenentes dos dezoito heróis do Forte de Copacabana e a Revolução Paulista de 1924, a qual se seguiu a Coluna Prestes (Secco, 2017, p. 95).

O ponto de unidade programática que possibilitou a unidade entre os comunistas e os tenentes de esquerda foi a convergência de uma leitura da realidade brasileira, uma vez que os tenentistas de esquerda enxergavam as oligarquias regionais como as suas grandes inimigas, por sua vez os comunistas identificavam estas mesmas oligarquias como encarnações dos “senhores feudais” (Zimbar, 2001, p. 19). Dessa forma, a política partidária pode ter sido vista por alguns deles como uma forma de dar continuidade aos ideais comungados nas rebeliões militares, como Luiz Carlos Prestes, a época exilado na Bolívia, foi presenteado por Astrojildo Pereira com um pacote de livros marxistas. Apesar de Luiz Carlos Prestes ser o nome central no processo de aproximação com o PCB, o esforço partidário não era por uma mera conversão individual, mas contava com a participação de um considerável contingente de jovens militares (Zimbar, 2001, p. 30).

Brasil Gerson, futuro intelectual comunista, era originalmente ligado ao Partido Republicano Paulista na segunda metade da década de 1920 e dirigiu, após a vitória do Golpe que consagrou Getúlio Vargas como presidente da república, o jornal tenentista *Correio da Tarde* no intuito de apoiá-los.

Em uma de suas crônicas publicadas no *Diário da Noite*, Brasil Gerson escreve sobre a sua viagem a Xangai e a entrevista que deu a um jornalista chinês sobre a história e política do Brasil, enquanto intercalava suas respostas com doses de whisky acompanhadas de tragos de Abdulla. Concluindo a entrevista, o jornalista perguntou se estava conversando com um “Nobre? Conde, talvez...”, e recebeu como resposta que “muito mais! (...) eu sou, mentalmente, tenente de cavalaria da Coluna Prestes!” (Diário Da Noite, São Paulo, nº 728, 20/03/1927, p. 4).

A aproximação de jornalistas de esquerda com os tenentes não foi um caso isolado. Pedro Motta Lima, futuro diretor do *A Manhã*, órgão da Aliança Nacional Libertadora e do diário comunista *Tribuna Popular*, ambos sediadas no Rio de Janeiro, participou da fundação, edição e redação dos jornais ligados ao tenentismo e a militantes de esquerda, sendo eles *O Imparcial* (1922), *O 5 de Julho* (1924) e *A esquerda* (1927).

As contestações sociais da década de 1920 depararam-se com o fim da política da república oligárquica por meio do golpe militar de 1930 que garantiu a coroação do antigo governador do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, à posse como presidente da república.

A primeira metade da década de 1930 representa uma mudança na fisionomia do partido, com a passagem da década e da nova direção obreirista, o número de publicações, jornais, livros, revistas e traduções se intensificam e, na primeira metade da década de 1930 a ampliação dos quadros e militantes do partido proporcionou maior estabilidade a uma questão que sempre foi cara aos comunistas: a circulação editorial de literatura marxista.

É nesse contexto que o partido conseguiu atrair para as suas fileiras intelectuais, civis e militares desapontados com os rumos da Revolução de 30 e o seu crescimento é concomitante ao obreirismo, a política de proletarização dos quadros e do seu isolamento diante outras forças políticas brasileiras (Secco, 2017, p. 96).

Desde o começo da década de 1930 o movimento contra o fascismo tornou-se internacional. O relacionamento com o fascismo, considerado o inimigo de imediato, foi a pedra angular na aproximação dos homens e mulheres ligadas às artes e a cultura aos movimentos revolucionários e contou com a participação ativa de vários intelectuais (Palamartchuk, 1997, p. 86), se tornando um fator impulsionador do crescimento partidário. Em compensação, esse período foi marcado por profunda instabilidade no comando da organização comunista brasileira.

A primeira metade da década de 1930 é marcada pelo crescimento de publicações voltadas à literatura da Rússia soviética. Os livros de Maximo Gorki, até então o maior expoente da literatura soviética no país e no mundo (Roxo, 2012, p. 60) começam a circular a partir das publicações da Editorial Calvino (*Uma Confissão* e *A Mãe*), Editorial Paulista (*Os degenerados*), Civilização Brasileira (*O espião*) e Cultura (*Konovallorf*).

A editora de Calvino Filho começou a funcionar em 1929 e editou até 1932 livros que abordassem as questões sociais e políticas de interesse ao público brasileiro. O catálogo da editora contava com um caráter eclético de livros de romances, direito, medicina, ciência e didáticos.

Caio Prado Júnior ajudou a Editora Caramuru (1934) e fez a primeira tradução da

obra de Bukharin, *Tratado do materialismo histórico* (1922) para o português, que saiu em quatro volumes pela Editora Caramuru.

A aproximação de Prestes com o Partido Comunista, recheado por profundas polêmicas, manifesta o interesse do militar pela promoção de uma leitura crítica no mercado editorial brasileiro. Luís Carlos Prestes, exilado no Uruguai e já bem informado a respeito das decisões da direção nacional do partido (Zimbar, 2001, p. 64), foi um dos financiadores da Editorial Pax no decorrer dos anos de 1931 a 1932, até o momento que fechou na Revolução Constitucionalista de 1932 (Carone, 2004, p. 65). A Editorial Pax ocupou-se da publicação de livros de viagem e romances proletários e com a publicação das primeiras obras de Alexandra Kollontai.

Caio Prado Júnior e o seu irmão Carlos Prado, que era pintor, participaram da fundação do Clube dos Artistas Modernos. O clube paulista foi parte integrante de uma estratégia de intervenção dos intelectuais, escritores e artistas na esfera da vida cultural do país, por meio de palestras, exposições, concertos e festas, estabelecendo conexões e trocas entre as diversas artes (Nogueira; Gonçalves, 2013, p. 232). O dramaturgo Paulo Fausto De Lamare Torres integrou a diretoria dos Clubes dos Artistas Modernos, responsável pelo Departamento de Teatro, após o sucesso de sua peça *O Andaimé* que contou com a colaboração dos cenários de Lívio Abramo e levado à cena no Teatro Boa Vista, em 1932, por Jayme Costa e Brasil Gerson (Antelo, 2022, p. 37-39).

Responsável pela composição dos estatutos do Clube em 1932, Caio publicou nesse ano os seus primeiros textos sobre marxismo e economia brasileira. No ano seguinte, fez uma viagem de estudos a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e, após o seu retorno, ministrou palestras sobre a viagem de dois meses a URSS no Clube dos Artistas Modernos, nos baixos do Viaduto Santa Ifigênia, em São Paulo. As conferências das viagens de Caio foram anotadas por espíões. Fruto das suas conferências, publica o livro *URSS, um mundo novo* no ano de 1934, produzido pela Editora Martins e custeada pelo próprio autor. Já no ano seguinte, tornou-se vice-presidente regional da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e, vigiado pela pelos órgãos de vigilância, teve a segunda edição do seu livro toda confiscada pela polícia paulista (Secco, 2017, p. 86).

Um ano depois da I Conferência Nacional (Julho de 1934) do PCB e já com a virada tática para a adesão às frentes populares, o partido chegou a contar com cerca de 5.000 a 10.000 membros espalhados pelo Brasil (Chilcote, 1982, p. 182). A partir de 1934, uma nova política aos poucos se delineou e encontrou a sua realização no VII Congresso da Internacional Comunista em 1935. Com a retomada de uma nova política de alianças,

a proposição nacional-popular foi recuperada em alguma medida, assim como o envolvimento do PCB com a recém-fundada Aliança Nacional Libertadora está articulado com a perspectiva de frentes amplas prorrogadas pela Internacional Comunista.

A encarnação dos sonhos: Brasil Gerson na revolução brasileira

Brasil Vanderheyden Gorresen nasceu em 1904 na cidade de São Francisco do Sul, uma península no norte do estado de Santa Catarina. Filho de Olympio Gorresen e Maria Vanderheyden, a sua árvore genealógica nos leva a época do Brasil Império, quando um de seus tios-avôs da família materna Vanderheyden fora um dos fundadores da cidade de Joinville, limítrofe de São Francisco do Sul.

O avô de Brasil Gerson, Faber Marcos Johnson Gorresen, nasceu em 1826 na cidade norueguesa de Trondheim. Na sua jovem vida adulta, tentou emigrar para os Estados Unidos junto a uma delegação de 73 noruegueses, porém, o seu navio atracou no porto do Rio de Janeiro e por lá ficou, mediante diversas complicações e avarias na estrutura da embarcação, encontrava-se impossibilitado de seguir viagem até a América do Norte. (Arquivo Histórico de Joinville, 1999, p. 11)

A companhia *Sociedade Colonizadora de Hamburgo*, consciente da condição de uma delegação de noruegueses que se encontravam desde meados de 1848 no Rio de Janeiro, com os seus planos abortados e frustrada a sua viagem, a firma hamburguesa aproveitou para convidar os 74 noruegueses que estavam no Rio para se estabelecerem na Colônia Dona Francisca, pouco antes do desembarque dos primeiros imigrantes do veleiro Colen atracar no porto da província de Santa Catarina.

Faber Gorresen aceitou o convite. Assim, logo após a chegada dos 125 passageiros da Barca Colon em 10 de março de 1851 no porto de São Francisco, desembarcou na cidade junto aos noruegueses oriundos do Rio de Janeiro.

A sua bisavó, Caroline Schneider, prussiana e protestante, chegou à Colônia Dona Francisca aos 18 anos com a sua família, após uma viagem na terceira classe da barca hamburguesa Emily (Arquivo Histórico de Joinville, 1999, p. 33). Filha primogênita de um casal de lavradores, a jovem casou-se três anos depois em 1857 com o noruegues Faber Gorresen. Do seu casamento nasceram nove filhos, entre os quais estavam Marcos Gorresen, Olympio Gorresen, Adolph Gorresen, Oscar Gorresen, Ewald Gorresen, Carolina Gorresen, Emilia Gorresen, Ana Gorresen e Laura Gorresen.

Em 1868 começou a ser construído o casarão comercial da família Gorresen, as obras do grande imóvel em estilo colonial açoriano foram concluídas em 1873. No

primeiro andar, constituiu o estabelecimento de uma importante e reconhecida casa comercial na região, onde se abastecia de sabão, cigarros, louça de barro, cerveja, charutos e cigarros produzidos na indústria regional (Pavanello, 2012, p. 62). No andar superior, era localizada a ampla residência da família Gorresen.

O armazém e as vendas de secos e molhados transformou-os em umas das destacadas famílias de São Francisco, ocupando funções para além da compra e revenda comercial, exercendo cargos ligados à direção administrativa e burocrática da cidade. O pai de Brasil Gerson, Olympio Gorresen, foi secretário da superintendência municipal de São Francisco e o seu tio, Marcos Gorresen, foi suplente de juiz de direito da comarca de S. Francisco, major do exército brasileiro e presidente do Conselho Municipal na legislatura de 1919 (Almanak Laemmert, Rio de Janeiro, nº 3, 1919-1920, p. 1399).

A tia de Brasil Gerson, a viúva Carolina Gorresen da Rosa, é mencionada no almanaque comercial carioca como uma das quatro “capitalistas” da cidade de São Francisco do Sul, junto aos nomes de José Antonio de Oliveira, Augusto Affonso dos Santos e José Basílio Correia (Almanak Laemmert, Rio de Janeiro, nº 3, 1924, p. 2084).

Marcos foi o filho que levou adiante os negócios do armazém de seu pai, ou, pelo menos, seu nome foi o escolhido pela família para divulgar e publicizar os negócios. Marcos foi representado na imprensa catarinense como um conceituado industrial e destacado comerciante no ramo de importação e exportação, provindas das possibilidades de negócio mediante a localização do armazém nas proximidades do importante porto de São Francisco à época, pelo grande trânsito de navios e embarcações nacionais e estrangeiras.

Em uma breve visita nos diários e semanários de Santa Catarina, podemos constatar a presença dos nomes de Olympio e Marcos na imprensa, mencionados em diversas ocasiões pelas folhas de Florianópolis, Joinville e São Francisco do Sul. A exemplo da visita a cidade de Olympio ou passagem do seu aniversário de Marcos pelos jornais de Florianópolis, a exemplo de *O Dia* e *República*, órgãos do Partido Republicano Catarinense.

A família Gorresen se tornou uma importante família de negociantes e comerciantes da cidade, e assim Brasil cresceu no casarão de sua família contemplando a vista privilegiada das suas janelas a beleza da Baía de Babitonga, que muito provavelmente possuía ao lado das janelas grandes quadros e coleções de obras de artes expostos pela casa.

Oriundo de família abastada, o ambiente familiar deve ter propiciado durante a infância e adolescência recorrentes sessões de memórias dos importantes feitos de

seus antepassados para a economia e política da sua terra. Quando criança, na época da escola, Brasil conta que sentia-se perplexo com a abordagem dos livros escolares que falavam das “terras férteis e lindas” e que nelas viviam “alegres e despreocupados, os mais fartos e felizes camponeses de todos os continentes sem nenhum problema que fosse capaz de afligi-los”, porém, confrontado com a realidade de pobreza que o rodeava, pensava que só os camponeses, ou “homens do sítio” (O Momento, Salvador, nº 601, 20/01/1948, p. 3) do seu Estado é que seriam uma exceção, por não estarem de acordo com a descrição dos livros didáticos. Já na adolescência, as suas leituras críticas seriam em torno dos contos de Monteiro Lobato na *Revista do Brasil*, assinado pelo seu pai. O contato com os contos de Lobato parece ter exercido uma expressiva influência a ele, por ter aberto as possibilidades do entendimento sobre a realidade nacional e da compreensão de que os seus livros escolares fabulavam sobre a situação dos camponeses do país inteiro (O Momento, Salvador, nº 601, 20/01/1948, p. 3).

Brasil e seus primos foram a Joinville estudar, garantindo a educação formal aos filhos da família Gorresen. Em 1920, o jovem Brasil Gorresen já assinava as suas primeiras colaborações na imprensa, como redator do *Jornal de Joinville*, *O Correio do Povo* e redator-secretário do jornal *A Razão*. Aos 16 anos, foi nomeado o correspondente em Joinville dos jornais *O Imparcial* e *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro e *O Estado* de Florianópolis.

Após a sua juventude em Joinville, se transfere para São Paulo onde começa a trabalhar para a imprensa e o teatro, editando junto a Antônio de Macedo a revista *Rua 15* e publicando suas primeiras peças, a exemplo de Estação da Luz, no teatro Boa Vista (Correio Paulistano, São Paulo, nº 23.387, 31/10/1928, p. 9).

Na década de 1930, período em que a mobilização contra o fascismo tornou-se internacional (Palamartchuk, 1997, p. 86), Brasil Gerson se tornou um dos importantes intelectuais da Aliança Nacional Libertadora em São Paulo. Suas primeiras aproximações com o antifascismo se deram com a participação na redação do jornal *O Homem do Povo*, em 1931, de Oswald de Andrade e de Patrícia Galvão, escreveu para a revista *Para Todos*, de Álvaro Moreyra e contribuiu com a revista *Fon Fon*. Em 1932 publicou o livro *A vida acaba no meio*, editado pela Civilização Brasileira e com capa do artista Paulo Werneck.

Segundo Ana Paula Palamartchuk, A Aliança Nacional Libertadora nos seus poucos meses de vida legal, teve um importante papel para a aproximação de escritores e artistas com o Partido Comunista. Brasil Gerson envolveu-se junto a outros escritores e artistas aliancistas na fundação da *Liga da Defesa da Cultura*, no manifesto de fundação,

aparecem os nomes dos que já haviam ingressado no PCB e de futuros comunistas que iriam ter grandes projeções na estrutura partidária (Palamartchuk, 2011, p. 104-105).

O matutino *A Manhã*, de Pedro Motta Lima, foi lançado no começo de 1935 como órgão de divulgação da Aliança Nacional Libertadora e supostamente serviu de inspiração para a organização de *A Platéia*. Brasil Gerson foi redator de *A Manhã* durante os dois primeiros meses de circulação, escrevendo uma coluna fixa e autoral sobre crítica de cinema no Rio de Janeiro, até assumir a direção do vespertino paulista *A Platéia* (*A Manhã*, Rio de Janeiro, nº 122, 13/09/1935, p. 8).

O jornal *A Platéia* foi um jornal antifascista e aliancista, sob a chefia de Brasil Gerson reuniu na sua cozinha da redação um conjunto de intelectuais comunistas como Heitor Ferreira Lima, Oswald de Andrade, Caio Prado Júnior e Patrícia Galvão. *A Platéia* foi mobilizada como um produto da imprensa antifascista sob o aspecto de organizador coletivo para a construção do consenso social, promovendo reuniões políticas na redação do jornal, a rua Wenceslau Braz, de número 13 (*A Platea*, São Paulo, nº 274, 06/08/1935, p. 1).

Os leitores da *A Platéia* depararam-se com diversas declarações da Aliança Nacional Libertadora, do Partido Socialista e com notícias sobre a Internacional Comunista. Anos depois, em 1938, Brasil Gerson seria condenado sob a alegação de que o seu diário *A Platéia* se transformou no porta-voz da Aliança Nacional Libertadora e, ademais, o seu envolvimento em outras atividades lhe garantiram a descrição feita pelo Departamento de Ordem Política e Social como como “um dos mais ativos comunistas no tempo da Aliança Nacional Libertadora até a legalidade do P.C.B.” (DEOPS/SP, 12/07/1950, p. 1).

Depois da insurreição de 1935, diante do fechamento dos órgãos da imprensa aliancista, conectada a uma forte repressão política com a prisão de numerosos dirigentes e militantes e a desarticulação da estrutura do Partido Comunista, dispersos pela dura repressão policial da qual foram atingidos (Prestes, 2001, p. 19-24), o partido manteve suas instalações e o funcionamento da organização, possuindo sistemas de arrecadações junto aos comitês municipais e promovendo ações nacionais e internacionais de denúncia da situação dos presos políticos sob o governo de Vargas (Secco, 2017, p. 80-90).

Depois do levante armado de 1935, o seu nome aparece na lista de interrogatórios feitos pela polícia para investigar o envolvimento de comunistas na insurreição. A sua atividade como diretor de *A Platéia* foi o que lhe custou o processo e a condenação em 1939 pelo Tribunal de Segurança Nacional. Para não ser encarcerado, fugiu do Brasil e refugiou-se na região do rio da Prata, exilando-se no Uruguai até 1942.

O seu encontro com a região do Rio da Prata em fins da década de 1930 se deu não por coincidência, mas por abrigar um movimento de escritores fortemente envolvidos com as lutas antifascistas. Estes intelectuais estavam organizados em associações que mesclavam a atuação cultural e política. Por sua vez, estas organizações eram responsáveis por publicar revistas importantes para a dinâmica cultural da região e marcos para a disseminação da luta contra o fascismo (Oliveira, 2015, p. 36). Logo que chegou ao Uruguai, Brasil Gerson contatou a “Agrupación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores” e tornou-se um associado, recebendo ajuda financeira da entidade. Brasil Gerson é mencionado nas edições do periódico da AIAPE como sujeito presente nas atividades organizadas pela associação, como palestras e exposições culturais.

Na edição extraordinária de outubro-dezembro de 1939 do órgão da “agrupación de intelectuales, artistas, periodistas y escritores (sección uruguaya)” localizamos Brasil Gerson na 8ª página do boletim na relação “Nuevos socios fortifican la existencia de A.I.A.P.E.” seguidos de 32 nomes acompanhado de suas profissões, expressivamente escritores, jornalistas, estudantes, professores, músicos, compositores, cartunistas, pintores, artistas plásticos e a pontual presença de um médico e um contador público. Brasil Gerson é mencionado e identificado como um dos “periodistas” recém-ingressos.

Na região do Prata, trabalhou para jornais comerciais como *La Razón* (Oliveira, 2013, p. 164) e colaborou com a imprensa comunista, socialista e antifascista da região. Escreveu para *Justicia*, órgão central do Partido Comunista Uruguaio e para *La Vanguardia*, dos socialistas argentinos. A sua colaboração na imprensa antifascista se deu por meio do conhecido semanário *Marcha*, articulando a afirmação da resistência política e tornando-se em um importante órgão de organização e sedimentação da intelectualidade antifascista uruguaia e latino-americana. Na revista *Marcha* pude identificar a sua assinatura compondo dois números, de agosto e julho de 1942.

Essas discussões do jornalista obedeciam a uma certa voga do momento, como o alinhamento do Brasil às Nações Unidas diante o perigo iminente da vitória do conflito pelas forças nazifascistas. O comum dos dois textos são os debates em torno de Luiz Carlos Prestes e a defesa da política de União Nacional, evidenciando o alinhamento do escritor com a direção partidária comunista, que desde 1937 formulava a política de união nacional.

Após a declaração de guerra do governo brasileiro aos países do Eixo em 1942, os comunistas exilados retornam ao Brasil julgando ser o momento propício para voltar ao país para ajudar no esforço de guerra. Conscientes dos riscos e perigos envolvendo o desembarque no território brasileiro, a maioria deles foram presos e encarcerados para

cumprir os mandados judiciais pendentes desde a segunda metade dos anos de 1930 (Fernández, 2015, p. 21-35). Alguns destes, como Brasil Gerson, foram libertados em meados de 1943, enquanto o restante de militantes, intelectuais e militares amarguraram na prisão até a anistia decretada pelo governo, no início de 1945.

Através das Américas: a América Latina no jornal Tribuna Popular

Em um prédio localizado na rua do Lavradio, na madrugada de 21 de maio, começou a ser editado o primeiro número do jornal *Tribuna Popular* que seria distribuído legalmente nas ruas do Rio de Janeiro, após uma longa jornada de censuras, perseguições e aprisionamentos vivenciados pelos comunistas nos porões da ditadura do Estado Novo. A equipe do jornal reunia um grupo de escritores e intelectuais aclamados pela crítica do momento. Nomes como Carlos Drummond de Andrade, Álvaro Moreira, Pedro Motta Lima, Dalcídio Jurandir e Aydano do Couto Ferraz faziam parte da direção do jornal.

Nesse momento, a cidade do Rio de Janeiro configurava-se como capital do Brasil e era um dos importantes centros intelectuais do país, concentrando expressiva atividade política, jornalística e cultural desde o início do século vinte. A *Tribuna Popular* teve uma ampla circulação e foi o carro chefe do Partido Comunista na capital federal. A folha visava dialogar e atingir um público mais amplo e não comunista, circulando com destaque e relevância no debate público da sociedade carioca.

Logo o impresso tornou-se um veículo fundamental para a divulgação das ideias, práticas e cultura política dos comunistas, no contexto de uma abertura do PCB para alianças com outras forças políticas da sociedade brasileira. O jornal circulava com destaque e relevância no debate público da sociedade carioca, devido a quantidade e qualidade do “prestígio de seus colaboradores, entre os quais estavam muitos artistas e escritores reconhecidos” (Duprat, 2017, p. 42) alguns historiadores creditam a publicação uma tiragem inicial de 30 mil exemplares, chegando a atingir, no seu auge, 50 mil exemplares vendidos diariamente em 1946 (Oliveira, 2011, p. 11). Esses números demonstram a importância do periódico durante os seus anos de existência, equiparando-se aos números dos grandes jornais em circulação no período (Buonicore, 2019, p. 1). O jornal era editado, distribuído e publicado legalmente e por ter o intuito de ser o principal porta voz do partido, visava atingir um público mais amplo e, de modo geral, dialogar com diversos segmentos da sociedade, aglutinando em torno de si uma rede de colaboradores, simpatizantes, divulgadores, pequenos comerciantes e financiadores do jornal. Aos domingos o Partido Comunista aumentava as suas vendas promovendo

comandos e mutirões com todas as suas células e militantes de base, inclusive membros do Comitê Central e de personalidades como Jorge Amado, Cândido Portinari, dentre outros. Esta intrigante experiência editorial perdurou até 1947, quando o governo Dutra cassou o registro do PCB e as instituições ligadas ao partido foram reprimidas, definitivamente fechadas e proibidas de circular livremente.

O vínculo de Brasil Gerson com o diário comunista *Tribuna Popular* pode ser evidenciado pela sua participação já nos primeiros números do jornal. Pedro Motta Lima e Álvaro Moreyra, diretores do jornal, já haviam trabalhado junto ao jovem Brasil Gerson nas revistas e jornais que dirigiam a época. O seu companheiro de exílio, Pedro, já o havia acolhido na década anterior na redação do jornal aliancista *A Manhã*, na época que fora diretor do mesmo. Álvaro Moreyra, quando dirigiu a revista *Para Todos*, acolheu diversos textos e críticas literárias do escritor franciscense.

Para além dessa atuação jornalística, que contribuiu para a conexão entre o universo brasileiro e latino-americano, cabe uma maior atenção à atuação do jornalista no diário carioca. A ida a região do Prata transformou a vida de Brasil Gerson, foi onde conviveu e dialogou com diversos intelectuais argentinos, uruguaios e latino-americanos. Casou-se em Montevideu, antes de retornar ao Brasil, e retornaria à cidade que o fascinou e pulsou o seu ímpeto antifascista em outros momentos da sua vida. Passou algumas temporadas como correspondente especial do diário comunista em Buenos Aires e Montevideu, acompanhando de perto as ebulições das políticas dos países vizinhos.

Brasil Gerson foi sondado pelos seus camaradas de longa data para trabalhar como jornalista na *Tribuna Popular*. A relação de sua trajetória militante e profissional junto à imprensa latino-americana parece ter exercido influência no corpo editorial do jornal, afinal, Brasil Gerson foi um importante interlocutor dos exilados brasileiros na região do Prata, participando dos movimentos de escritores em defesa da cultura. O surgimento da coluna *Através das Américas*, destinada a discutir os problemas da América Latina, na décima edição da publicação revela o interesse do corpo editorial do jornal sobre a reflexão da história, cultura e política latino-americano.

Dessa forma, constatamos que a criação da seção continental no veículo midiático teve a influência do escritor Brasil Gerson, o qual foi destinada para ser o autor, e foi bem recebida pelo corpo editorial em um momento de configuração inicial do jornal.

Para o desenvolvimento da pesquisa, busco situar Brasil Gerson como um intelectual mediador (De Castro Gomes; Hansen, 2016, p. 10-36) por ser um homem que transita nos espaços reconhecidos e demarcados por intelectuais, desfrutando da sociabilidade comunista e por ocupar um cargo estratégico na sua organização política,

escrevendo diariamente para o jornal do partido. Portanto, consideramos ele um sujeito da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, vinculados à intervenção político-social, podendo fundamentar e evidenciar a sua expressiva participação no espaço público, colaborando com a imprensa e outros órgãos comunicacionais, assinando manifestos/abaixo-assinados, trabalhando como tradutor, escrevendo peças de teatro e publicando livros históricos e literários como a publicação da obra *Tiradentes - Herói Popular* publicada em 1946 pela Editora Horizonte, instituição editorial do PCB. A representação cultural construída na coluna interessa na medida da possibilidade de refletir sobre as representações e leituras chaves definidoras sobre a realidade da região.

Fundada a coluna *Através das Américas*, ela configurou-se como uma coluna autoral diária do jornal, junto às seções diárias do diretor Pedro Motta Lima, publicada desde a primeira edição do periódico. A análise da terceira página nobre do jornal evidencia o destaque que a publicação deu aos intelectuais, escrevendo neste espaço da publicação recorrentemente escritores como Astrojildo Pereira, Jorge Amado, Álvaro Moreira, Dalcídio Jurandir, Rui Facó, entre outras figuras intelectuais e dirigentes do Movimento Comunista Internacional.

As referências feitas por Brasil Gerson indicam que a metodologia para a escrita da sua coluna era feita a partir da leitura dos periódicos latino-americanos, correspondências, telegramas e do uso das suas memórias de experiências pessoais. A variedade de periódicos referenciadas na coluna evidencia a inserção de Brasil Gerson em uma rede intelectual que o permitiu estar dentro das discussões políticas do momento, fornecendo base para ele compor a sua apreensão da realidade nas linhas da sua coluna no jornal, exercendo o papel de intelectual mediador e atuando como ator estratégico no processo de produção e circulação de bens culturais (De Castro Gomes; Hansen, 2016, p. 14).

No início de seus artigos, costuma descrever as leituras que fez das páginas dos jornais portenhos, uruguaios, chilenos, dentre outros, que são encaminhados à redação da *Tribuna Popular* ou enviados por seus colegas com que mantém correspondências, no entanto, podem também ser publicações enviadas a residência de Brasil Gerson por meio do pacote de assinatura estrangeira feita pelo jornalista. Essa circulação e variedade de periódicos evidencia a mediação intelectual de Brasil Gerson e pela escolha consciente de produzir, acompanhar e divulgar as movimentações políticas na América Latina, acompanhando as perspectivas políticas dos partidos comunistas na região, algo inexistente até então na imprensa tradicional. Sendo assim, exerce tarefa estratégica na

tradução e condução das mensagens de um lugar ao outro, e, ao se apropriar desta mensagem, atua diretamente produzindo novos significados.

Brasil Gerson, entendido como intelectual mediador de interpretações da realidade, se destaca pela escolha consciente de produzir, acompanhar e divulgar as movimentações políticas na América Latina, acompanhando as perspectivas políticas dos partidos comunistas na região, algo inexistente até então na imprensa tradicional. Sendo assim, é um sujeito estratégico na condução de uma mensagem de um lugar ao outro, e, ao se apropriar da mensagem, atua diretamente na produção de novos significados.

A seção continental tinha como presunção a reflexão sobre a história, cultura e política dos países das Américas.

As primeiras colaborações de Brasil Gerson constam como alguns pequenos artigos, textos de opinião e notas esparsas nas primeiras edições do jornal, como o já mencionado *Nosso amigo Rodolfo* [Ghioldi] e *El Salvador no bom caminho, O exemplo dos cubanos, O caso uruguaio e Américas Unidas*. Na sexta edição, o mesmo publica uma espécie de manifesto em defesa da integração latino-americana na terceira página do jornal (que posteriormente será a página da sua seção).

O escritor demonstrou interesse e enfatizou a necessidade de intercâmbio cultural latino-americano e, assim, o artigo-manifesto, intitulado *Américas Unidas*, disserta inicialmente sobre o estado de desconhecimento que os países da América Latina têm uns dos outros e em seguida comenta sobre uma reportagem publicada recentemente pelo periódico *El Mundo*, de Havana. Pedro Cue, diretor do respectivo jornal, publicou uma matéria que foi traduzida e transcrita (por Brasil Gerson) nas páginas da *Tribuna Popular*, em que chama a atenção para o fato de que “O intercâmbio de notícias no continente só tem existido entre Brasil e os Estados Unidos, Cuba e os Estados Unidos, o Uruguai e os Estados Unidos Mas não existe entre o Brasil e Cuba, entre Cuba e o Uruguai, e o Chile e Cuba e o Peru e Cuba” e em seguida, continua, que a relação desenvolvida

entre os Estados Unidos e as demais nações latino-americanas, não é um mal, evidentemente. Pelo contrário, é um bem. E tudo devemos fazer para que melhore mais ainda. Mas o que não é feito é que no segundo sentido - entre as nações latino-americanas entre si - ainda continue como antes, desconhecendo-nós todos nós mutuamente (Tribuna Popular, Rio de Janeiro, nº 6, 27/05/1945, p. 3).

A demanda por uma maior aproximação e relação das nações entre si é percebida como uma forma de realização política e social, para que pudessem superar os dilemas das fragmentações entre as “pátrias americanas”. Seguindo esse raciocínio, Brasil Gerson chama a atenção para a importância do estabelecimento de vínculos mais estreitos entre

todos os povos continentais.

Na segunda semana de circulação da *Tribuna Popular*, foi criada a coluna diária *Através das Américas*, veiculando artigos mais extensos que possibilitaram a escrita mais aprofundada sobre os seus problemas. Seus comentários diários são valiosos por tocar em questões que permanecem em pauta até os dias de hoje, como a produção de narrativas históricas voltadas para o “povo” e a evocação da memória dos personagens históricos das guerras republicanas.

A quarta edição da sua coluna é ilustrativa na forma de definir um lugar no mundo ao registrar a conferência do argentino Rodolfo Ghioldi, na Associação Brasileira de Imprensa, para a sua coluna. O palestrante discursou sobre os projetos de democratização dos países latino-americanos e chamou a atenção para

aquilo pelo qual já se batiam os nossos inconfidentes e os paladinos da independência e de todos os povos continentais do passado: as nações americanas livres de toda sujeição cultural e política externa, irmandadas entre si, identificadas pelo mesmo sentimento de liberdade e progresso (Tribuna Popular, Rio de Janeiro, nº 14, 06/06/1945, p. 3).

A referência a esses personagens históricos parece ter a tônica de apelo ao sentimento de identidade latino-americana, evocando a memória dos notáveis inconfidentes e paladinos da luta pela soberania nacional como parte do passado e sentido pelos acontecimentos contemporâneos (Lowenthal, 1998, p. 65).

Dessa forma, as lutas do século XVIII e XIX são tomadas de empréstimo como forma de dialogar e comunicar com o presente, conectando as reivindicações do passado para consolidar o projeto democrático nos países da América Latina. Essa luta, porém, é marcada pela afirmação do pan-americanismo porque agora existe “a boa vizinhança rooseveltiana de agora, afinal de contas” (Tribuna Popular, Rio de Janeiro, nº 14, 06/06/1945, p. 3).

Podemos pensar que, sem dúvidas, essa forma de comunicação é a essência da *Através das Américas*, almejando e gestando um modelo de América Latina com os partidos comunistas na gestão do poder. Nas linhas da coluna existe uma forte e recorrente exaltação da unidade das Nações Unidas contra o fascismo. Segundo Brasil Gerson, a vitória dos Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética serviu de inspiração para a formação de amplas frentes nacionais de composições heterogêneas, que incluíssem presidentes, militares, intelectuais, operários, camponeses e indígenas. O papel dos PCs era fundamental nessas frentes porque a vida do povo só poderia melhorar “através da participação que o seu partido de vanguarda venha a ter nos acontecimentos futuros” (Tribuna Popular, Rio de Janeiro, nº 129, 18/10/1945, p. 3).

As discussões sobre os projetos para a América ocupam destaque nos escritos da coluna. Assim, as lutas de massas, sindicais e eleitorais são noticiadas como parte do papel histórico dos povos continentais de conquistar um regime democrático e combater o “capital colonizador estrangeiro”. O projeto denunciado nas folhas como a “América da falange” é encarnado como sendo encarnada como “expressão do latifúndio obscurantista” e “endeusadores de hitler e inimigos de roosevelt” (Tribuna Popular, Rio de Janeiro, nº 23, 17/06/1945, p. 3), portanto, está fundamentalmente em oposição a unidade democrática das potências vencedoras da guerra e da política de união nacional defendida pelos partidos comunistas.

Nesse momento existia uma disputa interna no partido sobre o caráter da realidade brasileira, que debatia se o Brasil já era um país capitalista ou um país que não tinha desenvolvido por completo o capitalismo e permanecia com resquícios feudais. Brasil Gerson foi um adepto da segunda tese, de que no Brasil era necessária uma aliança com a burguesia nacional a fim de desenvolver o capitalismo, enquanto defendia o projeto de revolução democrático-nacional. A leitura oriunda da Internacional Comunista do caráter semicolonial da realidade brasileira Brasil apresentava um modelo etapista de revolução: primeiro, deveria-se extinguir os “resquícios feudais” e garantir a transição completa ao capitalismo por meio de uma revolução liderada pela burguesia nacional, por escolha própria ou pela pressão social dos trabalhadores. A estratégia “democratico-nacional³”, portanto, pressupunha a instalação de um regime democrático-liberal que contemplasse as reivindicações operárias e consolidasse a formação de um expressivo proletariado. Após o primeiro momento de aliança com a burguesia nacional, considerada “anti imperialista”, seria o momento adequado de adquirir a “passagem” da revolução socialista e da aliança operário-camponesa.

Dessa forma, uma das discussões presentes na coluna é sobre a ideia de uma burguesia culta, contrária ao imperialismo, favorável à soberania nacional e ao desenvolvimento do capitalismo, por meio da reforma agrária, programa de industrialização e educação popular.

Assim, era preciso dar fim a “escravidão camponesa” (Tribuna Popular, Rio de Janeiro, nº 105, 20/04/1945, p. 3) pelos donos do latifúndio, “secularmente apegados à pecuária extensiva e outras formas antiquadas de exploração da riqueza” (Tribuna Popular, Rio de Janeiro, nº 97, 11/09/1945, p. 3) que travam uma guerra ao lado do capital colonizador, contra o progresso e o rápido desenvolvimento industrial das nações latino-americanas.

Portanto, um dos pontos do PCB e de Brasil Gerson consistem na mobilização

pela contemplação de um regime democrático que incluísse as demandas dos trabalhadores da cidade e do campo, promovendo a justiça social a fim de garantir o exercício da cidadania, deveria ser realizado por meio da reforma agrária, a pré-condição de conquista da cidadania e do regime democrático, para cumprir as tarefas da revolução democrático-nacional e eliminar os resquícios feudais do continente.

Esse processo foi discutido na *Através das Américas* como uma “marcha ao progresso” e só poderia ser alcançada mediante a união das “massas” de trabalhadores, camponeses e indígenas, seguindo as deliberações oriundas dos Acordos de Yalta e das Nações Unidas em São Francisco. Nesse contexto da marcha ascendente ao progresso, a burguesia industrial foi compreendida pelos comunistas como um dos seus importantes aliados nesses anos.

Em 1945, pouco antes das eleições Constituintes, Brasil Gerson pôs a circular nas suas colunas várias discussões acerca do tema “burguês progressista”. A seção *Através das Américas* de número 16 da *Tribuna Popular* começa com o desabafo do escritor que “Está havendo por aí quem diga que o “burguês progressista” de qual fala Luiz Carlos Prestes, é outra coisa sem sentido”. Esse artigo é uma resposta às críticas que os comunistas estavam sofrendo na imprensa, a exemplo dos artigos de Rachel de Queiroz no *Vanguarda Socialista* e *Diário de Notícias* que criticavam publicamente a política de Prestes e do Partido Comunista (Guerellus, 2021, p. 287).

O texto *Alfonso Lopez e o caso colombiano* é publicado na coluna para ilustrar a existência destes homens na América Latina. O texto biográfico traz Alfonso como “homem de fortuna” e um dos maiores banqueiros do seu país, e quando eleito presidente transformou os rumos do país com o progresso industrial, a educação e as conquistas das liberdades públicas. Porém, seu governo contou com “a mais violenta oposição dos seus adversários” e como forma de denunciar os riscos e alertar dos perigos envolvendo a sua vida, Alfonso sofreu um golpe por militares de direita que o sequestraram quando visitou um quartel do interior. A reação do “povo” foi mais uma vez ir para as ruas “pedindo armas, acudindo ao apelo das organizações sindicais e do Partido Comunista, que já tem sua representação no Senado, na Câmara e nos Conselhos Municipais” e graças a essa mobilização democrática “foi ele libertado” (*Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, nº 16, 08/06/1945, p. 3).

Os inimigos de Alfonso, e por extensão os inimigos do “povo” são descritos como “figuras do clero falangista” e conservadores influenciados pela “filosofia espanhola do fascismo” e de um “típico tradicionalismo reacionário” (*Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, nº 16, 08/06/1945, p. 3). Assim, a conclusão desta edição da *Através das Américas*

exprime a concepção de que existe sentido e lógica em falar de burgueses progressistas, utilizando dos textos biográficos de Alfonso López como exemplos de burguês que quis ilustrar e convencer os seus leitores da perspectiva apontada por Prestes, Brasil Gerson e pelo PCB.

Com regularidade, a seção se pôs a circular temáticas sobre a conversão política democrática, comentando muitos casos de bons burgueses que romperam com suas famílias tradicionais, de reacionários que se tornaram democráticas, de organizadores da repressão política que agora marchavam ombro a ombro com os comunistas. Assim, existe uma forte simbologia em torno dos nobres ideais da conversão política dessa gente, o caso da conversão burguesa é o que mais é aprofundado na coluna, acerca de homens que abdicam dos contratos e luxúrias da sua vida para ajudar na mudança do cenário político, identificado por B. Gerson como exemplos de cidadãos democratas.

No artigo *Voltam a Argentina os primeiros exilados*, o texto começa delineando as mudanças recentes na política interna argentina e o regresso dos primeiros líderes sindicais do auxílio, entre operários, ferroviários, madeireiros e mineiros. Depois trata dos presos que estavam no presídio de Neuquén, na Patagônia, como o jornalista Carlos Dujvone. Porém, o que chama a atenção na coluna é o fato de dedicar mais da metade da seção biografando a vida de um homem: Antônio Santamarina.

O jovem argentino, da família Santamarina, uma das mais tradicionais e ricas famílias argentinas, era “um grande burguês, um gran-fino” e, no começo da ditadura militar de Perón “Deixou de lado seus interesses, seu autêntico palácio da aristocracia “calle” de Santa Fé, embelezado por uma das coleções de quadros mais notáveis do mundo” para confraternizar com os comunistas, socialistas e radicais, e “se converteu, sob os maiores perigos, num dos animadores da sociedade de resistência Pátria Livre” (Tribuna Popular Rio de Janeiro, nº 35, 30/06/1945, p. 3).

Ao final, Antônio Santamarina é caracterizado no vocabulário de Brasil Gerson como um “cidadão exemplar” para o seu país. A escolha dessa temática está vinculada a concepção dos comunistas do período, e a seleção e publicização destas narrativas respondem aos interesses do seu escritor, oriundo de uma tradicional e abastada família de Santa Catarina, que viveu a sua infância e adolescência em uma grande mansão e com parentes ligados ao mundo político e industrial.

Segundo Artieres (1998), a publicização no jornal é também a construção de um arquivo pessoal e social a partir da sua escrita. Os seus textos relegados a posterioridade possibilitam ao historiador problematizar as redes, vínculos e relações estabelecidas com a sociedade latino-americana durante o período, assim a publicização no jornal é também

a construção de um arquivo pessoal e social a partir da sua escrita. Portanto, os registros escritos da coluna possibilitam ao historiador pensar sobre as redes, vínculos e relações estabelecidas com outras figuras do mundo latino-americano durante o período.

Considerações finais

Assim, acreditamos que a experiência da escrita de Brasil Gerson é uma experiência de arquivamento de si próprio e uma forma de se afirmar perante os outros. Distinguindo diferentes práticas, uma delas que deve ser apontada é a sistematização do que é importante ser dito, forjando vozes e discursos sobre a América Latina, afinal, as temáticas discutidas na coluna não foram publicadas por acaso ou coincidência, existe um objetivo alocado pelo autor na escolha do que é publicado na coluna para ser lido pelo leitor, como uma estratégia de comunicação para convencê-lo dos problemas apresentados. Importa ao historiador, portanto, compreender como esse projeto de América Latina vai sendo formulada, fundamentada e comunicada no pós-guerra, refletindo como ponto central as tentativas e limites das constituições das Américas na seção *Através das Américas*.

Os escritos da *Através das Américas* são leituras de combate, de denúncia das desigualdades sociais em um continente marcado pela colonização. Os caminhos para transformar essa realidade apontado pelos textos e palavras de Brasil Gerson esteve ligado não só ao projeto político do PCB, ela fez parte dos seus dilemas e de seus contemporâneos. A seção e escolha do tema a ser trabalhado indica a possibilidade de algumas reflexões sobre a sua preocupação e recorrente insistência na “marcha do progresso” para superar o histórico destino infortúnio do continente.

Referências

A MANHÃ. Rio de Janeiro, nº 121, setembro, 1935.

A PLATEA. São Paulo, nº 274, agosto, 1935.

ALMANAK LAEMMERT: ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E COMERCIAL. Rio de Janeiro, nº 3, 1919-1920.

ALMANAK LAEMMERT: ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E COMERCIAL. Rio de Janeiro, nº 3, 1924.

ANTELO, Raul. Doce de abóbra dá chumbo para canhão: Brasil Gerson. *Cadernos de Literatura Comparada*, n. 46, 2022.

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE. *Lista de imigrantes*. 1999.

BUONICORE, Augusto. Partido Comunista, cultura e intelectuais. *Vermelho*, 2019. Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/augusto-buonicore-partido-comunista-cultura-e-intelectuais/>. Acesso em: 28/07/2023.

CARONE, Edgard. O marxismo no Brasil - das origens a 1964. DEAECTO, Marisa Midori; SECCO, Lincoln (orgs.). *Leituras marxistas e outros estudos*. São Paulo: Xamã, 2004.

CHILCOTE, Ronald H. *O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração, 1922 - 1972*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

CORDEIRO, Cristiano. *Memória & história*, São Paulo, nº2, LECH, 1981.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, nº 23.387, outubro de 1928.

DE CASTRO GOMES, Angela; HANSEN, Patricia Santos. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL. *Ficha de Brasil Gerson*. Fundo de Delegacia de Ordem Social, 12/07/1950.

DIÁRIO DA NOITE. São Paulo, nº 728, março, 1927.

DUPRAT, Andréia Carolina Duarte. *Clube de Gravura de Porto Alegre e revista Horizonte (1949-1956): arte e projeto político*. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FERNÁNDEZ, Jorge Christian. História e memória de um exílio esquecido: os militares de esquerda brasileiros na Argentina e Uruguai, 1936-1942. *Historia, voces y memoria*, n. 8, 2015.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. In: *Projeto História*, n. 17, 1998.

NOGUEIRA, Antônio Gilberto; GONÇALVES, Adelaide. *Caio Prado Jr. : Legado de um saber-fazer histórico*. São Paulo: Hucitec, 2013.

O MOMENTO. Salvador, nº 601, janeiro, 1948.

OLIVEIRA, Angela Meirelles. Exilados brasileiros nos países do Prata: mediações e luta antifascista (1933-1939). *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n.19, 2015.

OLIVEIRA, Ângela Meirelles. *Palavras como bala. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939)*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2013.

OLIVEIRA, Luís Eduardo. Na “Tribuna Popular”: a atuação sindical do PCB e o início da luta pelo abono de Natal no Rio de Janeiro (1945-1946). In: FERREIRA, Jorge (org.). *O Rio de Janeiro nos jornais*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. Em Nome da Segurança Nacional: Os Escritores na Mira da Polícia, *Revista Crítica Histórica*, v. 2, n. 3, 2011.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Ser intelectual comunista: escritores brasileiros e o comunismo, 1920-1945*. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1997.

PAVANELLO, Laércio José. *Ferramentas, fumo, farinha... um estudo sobre o patrimônio comercial de Joinville*. 2012. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE, Joinville, 2012.

PRESTES, Anita Leocádia. *Da insurreição armada (1935) à união nacional (1938 - 1945): a virada tática na política do PCB*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SECCO, Lincoln. *A batalha dos livros. Formação da esquerda no Brasil*. Cotia: Ateliê Editorial, 2017.

TRIBUNA POPULAR. Rio de Janeiro, nº 105, setembro, 1945.

TRIBUNA POPULAR. Rio de Janeiro, nº 129, outubro, 1945.

TRIBUNA POPULAR. Rio de Janeiro, nº 14, junho, 1945.

TRIBUNA POPULAR. Rio de Janeiro, nº 16, junho, 1945.

TRIBUNA POPULAR. Rio de Janeiro, nº 23(B), junho, 1945.

TRIBUNA POPULAR. Rio de Janeiro, nº 35, junho, 1945.

TRIBUNA POPULAR. Rio de Janeiro, nº 6, maio, 1945.

TRIBUNA POPULAR. Rio de Janeiro, nº 97, setembro, 1945.

VOZ OPERÁRIA. Rio de Janeiro, nº 148, março, 1952.

ZIMBARG, Luís Alberto. *O cidadão armado comunismo e tenentismo (1927-1945)*. 2001. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2001.

¹ Fundado em 25 de março de 1922 sob a consigna de Partido Comunista do Brasil e tendo por sigla PCB, designando a seção brasileira da Internacional Comunista. No V Congresso do PCB, em setembro de 1960, é aprovado a mudança de nome para Partido Comunista Brasileiro, como uma estratégia de adequar juridicamente a legenda partidária para viabilizar o seu registro legal.

² O jornal *A Classe Operária* circulou de 1925 a 1953 como órgão central do PCB, depois seu lugar de porta-voz do partido foi assumido pelo *A Voz Operária*. Anos mais tarde, com a cisão que originou o Partido Comunista do Brasil (PC do B), em 1962, a *Classe Operária* foi relançada como órgão central do novo partido.

³ A respeito dessa linha política, da sua fundação até a década de 1980, a relação do PCB com a estratégia democrático-nacional compõe uma longa sinfonia, entre idas e vindas, teve uma grande influência na vida partidária e no debate político-intelectual de várias gerações. A exemplo do clássico discussão entre Caio Prado Jr, crítico da tese “feudal” brasileira, que pouco ecoou no partido, e Alberto Passos Guimarães, autor da obra *Quatro Séculos de Latifúndio*, partidário da tese do passado feudal brasileiro, ambos militantes do PCB.

Artigo recebido em 10/08/2023

Aceito para publicação em 15/01/2024